

## KLEBER MENDONÇA FILHO FINALIZA TEMPORADA DE *O AGENTE SECRETO* NOS PRÊMIOS PLATINO XCARET, NO MÉXICO, COM MAIS OITO ESTATUETAS PARA CASA

Prêmios Platino / Divulgação



Kleber Mendonça Filho e a produtora Emilie Lesclaux: ele disse à esposa que deveriam ir ao Platino: "Somos da comunidade latino-americana"



A diretora Maria de Médicis, de *Beleza Fatal*, com a produtora-executiva Anouk Aaron e o roteirista Raphael Montes

Prêmios Platino / Divulgação



Do filme *O agente secreto*, Kleber Mendonça Filho e a produtora Emilie Lesclaux, o montador Eduardo Serrano, ladeado por Tomaz Alves Souza (E) e Mateus Alves

» RICARDO DAEHN  
ENVIADO ESPECIAL\*

**R**iviera Maya (México) — No retorno do Oscar, em que defendeu quatro indicações de *O agente secreto*, fenômeno de premiações com mais de 100 distinções internacionais, o diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho deu por encerrada a temporada de premiações. No último sábado, com o longa-metragem centrado no terreno da ditadura dos anos de 1970 premiado mais oito vezes, num âmbito de concorrência junto a 23 países ibero-americanos, Kleber deixou a breve aposentadoria dos palcos para coletar parte dos prêmios Platino Xcaret.

Antes da viagem, ele comentou com a esposa e produtora Emilie Lesclaux: "Acho que a gente deve ir; somos da comunidade latino-americana". Se prêmios iluminam, como ele acredita, *O agente secreto* resplandece, tendo vencido como: melhor filme ibero-americano, melhor direção, melhor roteiro, melhor ator (com o astro Wagner Moura duplamente premiado), melhor montagem, melhor direção de arte e, ainda, trilha sonora. Ano passado, no Platino, houve a consagração do longa-brasileiro *Ainda estou aqui*. Agora, foi a vez do filme de Petra Costa (*Apocalypse nos trópicos*), em

to dos abalos na estrutura da democracia, tido como melhor documentário, e da novela *Beleza fatal*, conduzida pela brasileira Maria de Médicis, que, em entrevista, se assumiu da geração roqueira da capital.

Ao receber o troféu de melhor roteiro, no Grande Teatro Tlachco (no parque Xcaret), Kleber deu o recado de peso: "Acredito que estamos vivendo um momento fantástico para a arte de contar histórias. É uma época em que a verdade é constantemente contestada e manipulada. É uma época de mentiras no mundo, e o cinema é um instrumento poderoso, com histórias repletas de poesia, aventura e fantasia, além de trazer a verdade do drama humano, histórias de amor e afeto. A combinação de todos esses elementos é a melhor forma de expressão artística", defendeu.

Wagner Moura, que agregou ao Platino Xcaret oficial de melhor ator, o de público, mobilizou até mesmo tietagem indireta. Ícone do cinema internacional e argentino, Guillermo Francella, distinguido na noite com troféu honorário, pontuou, em entrevista: "Não conheço Wagner, mas eu adoraria conhecê-lo. Digo isso com frequência: assisti à série *Narcos* e adorei o elenco. Wagner é um ótimo ator. Eu o respeito muito, muito mesmo. Gosto bastante dele". Unanimidade, Wagner, ao

menos no campo dos sonhos, tem lugar assegurado no futuro filme idealizado por Kleber Mendonça Filho para transcorrer no Recife dos anos de 1930. Nem mesmo roteiro, por enquanto, tem norte definido na mente do cineasta de *Aquarius*, *Bacurau* e *O som ao redor*. "Descobri, em pesquisa, informações históricas fascinantes naquele período. E é uma época muito forte porque veio logo antes de a Segunda Guerra explodir na Europa", observa.

Compreender o sucesso de *O agente secreto* está acima de fórmulas e mesmo da mente de Kleber Mendonça. "Tivemos uma reunião muito interessante, recentemente, com a Netflix (atual exibidora do filme), e os números internos são muito bons, considerando a atual demanda. Fomos contemplados. É um filme que consegue prender a atenção do público. Leio tuítes sobre espectadores de *O Agente Secreto* que dizem finalmente terem concluído o longa, depois de duas semanas (risos). Para mim, não é um problema agora. Depois de 10 meses em cartaz, nos melhores cinemas do mundo, em Buenos Aires, Paris, Sydney, Nova York, São Paulo e Brasília (no Cine Brasília). Acho que é nos cinemas que a personalidade de um filme se constrói.

Depois disso, é streaming, home video, televisão; sim, não tenho problema nenhum com isso", esclarece Kleber.

### Também sob holofotes

Junto com o reconhecimento da produção brasileira *Beleza fatal*, tida como melhor novela, o longa *Apocalypse nos trópicos*, considerado o melhor documentário, aumentou a visibilidade brasileira. Coube a Bruno Pacini, coordenador de pesquisas do filme, comentar: "Houve (na equipe) quem fosse atrás de documentos que nem sabíamos que existiam. Agradeço o prêmio, ao cinema documental que tem o poder de transformar o trauma em memória, e a memória em movimento".

Vencedor do prêmio de melhor longa de estrear, *Surda* (prestes a estreitar no Brasil), calibrou a representatividade, como enfatizou o premiado ator coadjuvante Álvaro Cervantes, em entrevista ao *Correio*. "O público está apreciando. Tanto aqueles capacitados a ouvirem, por descobrir uma realidade da qual não tinha conhecimento, anteriormente; e ainda o público surdo, por se ver representado na tela". Entusiasmada, a diretora do longa, Eva Libertad, comentou à reportagem: "Lançamos o longa em mais de 50 países

e ele se conecta com o público. Foi algo que nasceu de uma história tão íntima e próxima de mim, que é o vínculo com minha irmã, Miriam Garlo, a atriz principal".

Integrado ao fenômeno argentino e mundial da série *Os eternos*, sobre os desdobramentos de perigosa invasão alienígena na Terra, o ator Cesar Trancoso (que somou o prêmio de melhor coadjuvante, na lista de sete prêmios Platino, para a série), refletiu, em entrevista ao *Correio*: "Estamos num tempo que é um tempo muito ruim. Tem muita gente se odiando. O ódio está na moda; isso é um problema porque é um problema para a espécie humana. Quando você vê gente odiando aquele cara que está lá, o que eles esquecem é que esse ódio volta. Ninguém se salva, se nós deixarmos de lado a lógica do amor, do encontro entre nós, não se tem futuro, assim. Pelo audiovisual, ajudamos na compreensão de quem somos nós. Não podemos ter inimigos noutra pessoa. Podemos ser adversários, podemos ter opiniões que não são as nossas, mas o que não podemos é atrapalhar a nossa permanência no planeta".

\* O repórter viajou a convite da Organização dos prêmios Platino

### ENTREVISTA // KLEBER MENDONÇA FILHO, CINEASTA

#### Quais são os planos mais próximos na sua carreira?

Recentemente tive algo especial, com a publicação do roteiro de *O agente secreto* e gosto muito da ideia de escrever um livro sobre minha experiência com o filme durante esses 10 meses. É uma forma de me conectar com a indústria cinematográfica. Cinema é cinema, é o Oscar, cinema é uma pessoa (do público) que vem conversar comigo em San Sebastián, em Virgínia (EUA). Cinema também é trabalhar com a Neon (distribuidora estrangeira que catapulta o longa), cinema é ver tudo isso e o que aconteceu com 2,5 milhões de espectadores, só no Brasil. Quero muito escrever esse livro; não sei se terei tempo.

#### Haveria algo depois de tanto acompanhar *O agente secreto* que pudesse ser otimizado pelo lado crítico e perfeccionista de Kleber Mendonça Filho?

Em cada filme, trabalho muito em tudo, principalmente na edição. Para a edição de *O Agente Secreto*, foram oito meses de dois editores, e ganhamos um prêmio Platino

de montagem. A minha maior preocupação é sempre que o filme esteja em sua melhor versão final. Acho que a última vez que vi o filme foi em Los Angeles, num cinema incrível. Pensei: "Nossa, é muito bom mesmo" (risos).

#### Como se deve e elaborar personagens desagradáveis, ao tratar de ditadura no filme?

Aprendi algo muito interessante enquanto fazia meu primeiro filme *O som ao redor* (2012). Porque eu queria criar um panorama humano da vida no Brasil. E um ou dois personagens não eram muito simpáticos. Eram pessoas muito complexas. Tive muito cuidado ao escrever, para captar todas as nuances, para evitar criar um personagem caricato, um vilão. E aos poucos, acho que a sociedade brasileira começou a mudar de uma forma muito drástica. Em *Aquarius* (2016, com Sônia Braga), comecei a ser um pouco menos cauteloso, menos receoso, menos preocupado com a ideia de criar uma caricatura, porque comecei a ver muitas líderes políticos e pessoas que me

pareciam caricaturas. E a situação foi piorando cada vez mais. Em *Bacurau* (2019, feito com Juliana Dornelles), pensei: 'Ah, que se dane'. Vamos exagerar um pouco mais agora. Ironicamente, a realidade ainda era pior do que *Bacurau* no Brasil: chegou um homem poderoso, um homem preconceituoso, e alguém que defende uma posição ainda muito atual em 2026, acreditando que o Nordeste do Brasil é uma região inferior; e eu acho isso 100% realista, fotorrealista e dramaticamente realista (o que é revelado no teor de *O agente secreto*). E, claro, pessoas da extrema direita disseram: "Ele é um personagem de desenho animado". Sim. Exatamente. Isso mesmo. Nisso, concordamos (risos).

#### O chamado *Apocalypse nos trópicos* apenas começou, está se fortalecendo. Como você vê o futuro e o da cultura?

Há um problema muito grande não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos, que é o de que a verdade e as certezas da sociedade não devem ser associadas a um

partido político. Está na Constituição. Bem, o fato é que o Brasil apoia sua cultura, não um projeto do PT. É um projeto do Brasil, da instituição. Quando Bolsonaro chegou ao poder em 2019, no primeiro dia de janeiro, a primeira coisa que ele fez foi cortar o Ministério da Cultura. A primeira coisa que Lula fez em 1º de janeiro foi restaurar o Ministério da Cultura. O Ministério da Cultura não é um projeto de Lula. Lula estava simplesmente respeitando a Constituição brasileira. Ele realmente acredita que a cultura não deve ser associada a uma ideologia política. Cuidar das pessoas não é uma questão de ideologia política. Cultura não é uma questão de ideologia política. Eu realmente gostaria, independentemente do resultado da eleição, que acredito que será Lula (vencedor), que a cultura continuasse, que a saúde continuasse, que o respeito pelo Brasil continuasse, mas infelizmente, não é o caso; temos uma situação não só no Brasil, mas completamente perversa em nossa visão de sociedade. E

hoje é muito claro porque o respeito à sociedade não está na extrema direita; ao contrário.

#### Onde estará o novo sucesso do cinema brasileiro, a exemplo do de vocês e de *Ainda estou aqui*?

Em primeiro lugar, eu não acho que o nós, todos nós, você como jornalista, eu como realizador, produtor, a gente deve ficar cobrando um novo sucesso do cinema brasileiro. Existem vários tipos de sucesso, né? Que podem ser medidos. Sucesso do Oscar, do Globo de Ouro e de Cannes são maneiras socialmente aceitas de se medir sucesso, mas elas não devem ser perseguidas, como objetivo absoluto. Acho que o cinema brasileiro continua muito diverso, muito vivo e com muitas histórias que estão aí para serem descobertas. Alguns filmes furam a bolha e se tornam sucessos reconhecidos, mas isso não significa que um ano em onde um filme não vai para Cannes, isso não significa que o cinema brasileiro esteja mal. É muito importante a gente pensar lembrar disso, quando a gente cobra. (RD)